

# Itamar Vieira Junior e as heranças da escravidão no Brasil: os explorados deste tempo

## Itamar Vieira Junior and the legacy of slavery in Brazil: exploitation today

Patrícia Helena Baialuna de Andrade<sup>1</sup>

---

RESUMO: O presente ensaio propõe uma leitura dos contos “Alma” e “Doramar ou a Odisseia” (2021), de Itamar Vieira Junior, e de seu aclamado romance *Torto Arado* (2019), como expoentes de uma questão social invisível para muitos brasileiros: as novas formas de escravidão que todos os dias vitimizam trabalhadores economicamente vulneráveis e, frequentemente, descendentes dos escravizados do período colonial.

ABSTRACT: This paper aims to analyze two short stories by Itamar Vieira Junior —“Alma” and “Doramar ou a Odisseia” (2021), as well as his heralded novel *Torto Arado* (2019) — as literary problematizations of a social issue that remains invisible to most Brazilians: the contemporary forms of slavery that claim victims among the most economically vulnerable workers, who are often the descendants of those enslaved during Brazil’s colonial times.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão; Itamar Vieira Junior; Contemporaneidade.

KEYWORDS: Slavery; Itamar Vieira Junior; Contemporaneity.

---

1 Mestre e Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, pós-doutoranda no Departamento de Letras Modernas da FFLCH — USP. Atualmente é professora de literaturas lusófonas na Brigham Young University (Provo — UT/EUA).



## Introdução

Um dos mais infelizes e longos capítulos da história brasileira é, inquestionavelmente, a escravidão. Estabelecida desde os primeiros anos da colonização sobre os povos nativos, e, a partir da década de 1530, com diversos povos africanos, a prática de submeter o outro ao trabalho forçado foi corriqueira e considerada aceitável durante muito tempo. A escravização do outro é, na verdade, praticada pelo homem desde a antiguidade, e ao longo da história foi se associando a dimensões étnicas. Assim, quando pensamos a escravidão durante o Brasil colonial, esta vem sempre ligada à imposição do jugo às pessoas de cor.

Desde o Condoreirismo, a literatura tem se ocupado de forma relevante da denúncia de tal violência. Várias obras do cânone literário brasileiro trouxeram à cena personagens representativas dos sofrimentos infligidos aos escravizados. Algumas edulcoradas, como *A escrava Isaura* (1875), outras menos irrealistas – pelo menos na construção de personagens cativas – como *Úrsula* (1859), tais obras vêm desde o Romantismo trazendo ao leitor a questão da escravidão. Outros romances do Realismo-Naturalismo igualmente trouxeram, com maior ou menor destaque, questões raciais ligadas ao passado escravagista do país, como *Bom-Crioulo* (1895) e *O Mulato* (1881).

Também é possível encontrar na literatura contemporânea obras que revisitam tal período histórico. Como exemplo, comentaremos no escopo deste ensaio o conto “Alma” de Itamar Vieira Junior, publicado no volume *Doramar ou a odisseia* (2021). No entanto, o foco desta análise se expande para outros escritos de Vieira Junior (“Doramar” e *Torto arado*) e, em especial, às formas pelas quais suas recentes publicações problematizam um problema de igual gravidade, mas ainda presente no Brasil de hoje: o trabalho análogo à escravidão, e como o mesmo nos dias de hoje incide sobre os descendentes das vítimas do sistema escravocrata colonial.

---

Nossa leitura se inicia com uma breve análise de “Alma” e sua representação da prática escravagista no passado colonial. Em seguida, estabelecemos a realidade da escravidão contemporânea no Brasil e no mundo, amparados pelos estudos de Kevin Bales (2005) e Patrícia Trindade Maranhão Costa (2010). Colocada a atualidade do problema, analisamos como Vieira Junior o transforma em literatura nas páginas de *Torto arado* e no conto “Doramar”. Com tal percurso reafirma-se a vitalidade da produção do escritor baiano – prestigiado de forma justa pela crítica e pelo público – que reconstrói com beleza e lirismo, sem, contudo, suavizar, a violência e exclusão que estão entranhadas na sociedade brasileira.

## O passado da escravidão em “Alma”

O mais extenso conto de *Doramar ou a odisseia*, “Alma” é a narrativa em primeira pessoa de uma escravizada que foge do jugo e caminha “por muitas luas cheias” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 35) até encontrar um local seguro onde constrói uma vida de liberdade. Enquanto as primeiras páginas descrevem as dores, fome e insegurança da fuga, ao decorrer do conto, revela-se o passado de servidão vivido por Alma, e o estabelecimento de uma comunidade de ajuda a outros que fugiram a partir da casa e da família por ela constituídos.

O ritmo acelerado da narração combina com as descrições dos muitos percalços enfrentados pela protagonista, que caminhou até ferirem-se seus pés e a paisagem e vegetação se alterarem. Ela, “uma mulher que nasceu acorrentada aos desejos dos [seus] senhores” (*Ibidem*, p. 35), significativamente, recebeu da senhora o nome de Alma por supostamente tê-la – diferente dos tantos outros escravizados, não dotados de uma alma, a quem a própria existência humana plena era negada. Também a Alma foram negadas as mais elementares necessidades: separada da mãe na infância, viu seu destino repetir-se na vida dos bebês que teve e que, um após o outro, tiraram-lhe



dos braços e os levaram: “eu, uma mulher, uma alma, que lutava todas as horas, e da primeira vez que me levaram um filho urrei de tristeza” (*Ibidem*, p. 36). A família ainda lhe seria negada pela separação de Inácio, um homem bom “que [lhe] fazia companhia nas madrugadas frias da senzala, direito e paciente” (*Ibidem*, p. 45), e que seria assassinado pela crueldade de seus senhores.

O relato da morte de Inácio, afogado na travessia de barco que os senhores foram obrigados a fazer ao perder o engenho, desenvolve um motivo que aparece brevemente em *Torto Arado* (2019). Ao tratar do romance, veremos a passagem em que Rita Pescadeira lista os inúmeros sofrimentos infligidos a seu povo – o povo negro – na história do Brasil colonial, e, de forma breve, cita o caso do homem que se afogou por ter seu senhor obrigado-o a tapar um buraco do barco com o próprio corpo. No conto em questão, o homem ganha um nome e uma história:

[E]sse homem que pereceu na crueldade dos meus senhores, cheios de rancores quando jogavam pragas ao vento por toda a riqueza que perderam, (...) o senhor de um golpe deitou Inácio para o fundo do barco, vi o sangue se diluindo na água, fiz prece que ninguém pôde saber pela sua vida (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 45-47).

Outras muitas dores e humilhações aparecem diluídas na narrativa de Alma, entre relatos referentes à decisiva fuga. A experiência do escravizado se constrói no conto em um entrelaçar-se de privações, maus-tratos, injustiças, em todas as fases da vida dessa mulher que se aproximava da meia-idade, mas nunca se conformou à condição de cativa. Ela, que cresceu “sem estudo como os homens brancos, sem posses como eles, [...] era uma coisa deles, mas dentro de [si] havia um bicho ruim querendo voar” (*Ibidem*, p. 54), assim o fez. Apenas nos últimos parágrafos do conto sabemos que ela envenenou a comida dos senhores e, vendo-os mortos na sala de jantar, tratou de banhar-se, perfumar-se, vestir um dos melhores vestidos da senhora e pôr-se em marcha ininterrupta por muitos dias.

---

Dá-se ao leitor o indício de que a fuga será bem-sucedida quando, em certo ponto do caminho, Alma se depara com uma casinha muito modesta e, ao apossar-se de algumas mirradas espigas de milho, recebe do velho dono do lugar a oferta de ali descansar à noite. O alívio do banho e da refeição, o acolhimento e a bondade desinteressada do homem apontam para o desfecho da história dessa mulher de alma gigante, força e resistência. Alma encontrou a terra, “um lugar sem cercas”, e ali construiu sua pequena morada e plantou sua roça, oferecendo água e descanso a vaqueiros e viajantes. Encontrou um companheiro para a labuta diária, “muitos filhos nasceram, outros irmãos de longe foram chegando e tiveram terra para a roça e barro para construir suas casas, vieram de longe, tiveram filhos, chamamos aquele lugar de várias coisas” (*Ibidem*, p. 51) – decerto de pousada, refúgio, renascimento, talvez *quilombo*. Ao livrar-se da servidão, essa protagonista, com tantas cicatrizes e lutas em sua memória, criou um ponto de abrigo para outros que seguiram o mesmo caminho. De resistente à líder de uma comunidade, seu caminho foi de espinhos e perdas, rumo ao início de uma nova história.

Dessa maneira, o conto de Vieira Junior reconstrói o passado escravocrata do Brasil através de uma personagem feminina, vivida em dores e privações, que imprime, aos olhos do leitor, a experiência da escravidão de forma contundente e realista. Contudo, a mesma história aponta para um caminho de resistência e esperança, conquistando a liberdade para uma existência humana através da ajuda mútua e da coragem. Ao revisitar esse capítulo da história brasileira, o autor o faz com as cores realistas de um Brasil que se fundou em raízes negras, uma homenagem aos muitos que resistiram à escravidão e aos tantos outros que tombaram na construção dessa nação.



---

## Um problema que não pertence (somente) ao passado

Tem-se nos registros mais difundidos da história que a escravidão negra teve início no Brasil por volta de 1550 (ALENCASTRO, 2018), embora alguns autores argumentem que esse início teria acontecido ainda na década de 1530 (DEL PRIORE, 2016). Nos mais de trezentos anos que se seguiriam, até a abolição em maio de 1888, estima-se que aproximadamente 4.8 milhões de pessoas foram trazidas das costas da África para o trabalho forçado no Brasil (ALENCASTRO, 2018). O trabalho escravo foi a força motriz da economia colonial, possibilitando o enriquecimento do colonizador através dos ciclos do pau-brasil, da cana-de-açúcar, do ouro, do café, e todas as outras atividades econômicas que se desenvolviam, concomitantemente, ao sistema de *plantation* e permitiam, ao Brasil, um (ainda que lento) desenvolvimento. Infelizmente, tal prática esteve tão entrelaçada à própria formação do país que, mesmo após ser declarada a ilegalidade da escravidão, os problemas da grande população de afrodescendência no Brasil continuaram pela discriminação e o não acesso à educação, terras ou outros meios de produção. Abolida estava a escravidão, mas o negro continuava à margem da sociedade republicana brasileira.

Não faremos aqui um percurso histórico dos eventos e práticas econômicas, sociais e culturais que perpetuaram a marginalização do afrodescendente no Brasil. Para os objetivos deste ensaio, basta-nos chegar à atualidade do problema através de estudos compreensivos como o de Kevin Bales (2005), que demonstram a existência de trabalho análogo à escravidão atualmente, em diversos países do mundo. A obra de Bales está repleta de exemplos, como comunidades mineradoras na Índia ou pescadoras no Benin, entre muitas outras. O trabalho escravo no Brasil é brevemente mencionado e associado ao desmatamento da floresta amazônica por propósitos de garimpo ou expansão ilegal das fronteiras agrícolas. Para o autor, o trabalho escravo contemporâneo se assemelha ao do passado por compartilhar os mesmos atributos

---

centrais: “o controle exercido sobre o escravo com base em violência ou sua ameaça, falta de pagamento além da subsistência, e o roubo do trabalho ou outras qualidades do escravo para ganho econômico”<sup>2</sup> (BALES, 2005, p. 9, tradução nossa). Bales acrescenta que, embora estes sejam os principais elementos que definem o trabalho escravo, tais traços “estão integrados a uma ampla variedade de formas refletindo contextos culturais, religiosos, sociais, políticos, étnicos, comerciais e psicológicos”<sup>3</sup> (*Ibidem*, tradução nossa). Portanto, em muitas nações do mundo contemporâneo podem ser encontradas formas particulares de exploração forçada do trabalho do outro, e os exemplos de Bales apontam para a maior probabilidade das populações mais pobres serem sujeitas a esses tipos de relações.

Patrícia Trindade Maranhão Costa (2010) compartilha da mesma percepção em seu abrangente estudo sobre o trabalho escravo atual no Brasil. A autora observa que

a escravidão colonial estabeleceu no Brasil um modo de produção que se sustenta na desumanização do outro. Criou-se, desse modo, um padrão cultural de comportamento, norteador das relações de trabalho hierárquicas baseado na desumanização. É esse fenômeno que torna viável a submissão dos considerados não-humanos a condições degradantes de trabalho. Se no período colonial o “outro” destituído de humanidade era o negro africano, atualmente o “outro” a ser desumanizado é, preferencialmente, o pobre, muitas vezes, descendente dos escravos coloniais (COSTA, 2010, p. 116).

De acordo com a autora, a escravidão colonial é uma das principais raízes da escravidão contemporânea, e as principais vítimas não são povos indígenas amazônicos, como acontece em outros países da América Latina, mas “trabalhadores não-brancos (pretos e pardos) oriundos da Região Nordeste, notadamente, dos estados mais pobres e com menos perspectiva de trabalho e emprego” (*Ibidem*, p.

---

2 “(...) the same attributes that described a slave in the past: the state of control exercised over the slave based on violence or its threat, a lack of any payment beyond subsistence, and the theft of the labor or other qualities of the slave for economic gain”.

3 “but these attributes are embedded in a wide variety of forms reflecting cultural, religious, social, political, ethnic, commercial and psychological contexts”.



56), de modo que a escravidão contemporânea no Brasil tem cor e sotaque (*Ibidem*, p. 57). A maioria das vítimas são homens jovens, com pouquíssima escolaridade – ou seja, ainda os excluídos da sociedade – e o estado de maior proveniência desses trabalhadores vulneráveis é o Maranhão (*Ibidem*, p. 69).

O trabalho análogo à escravidão hoje no Brasil é encontrado principalmente em atividades rurais, em lavouras de algodão, milho e soja, entre outras, na criação de animais, na extração de látex e de madeira (*Ibidem*, p. 33). A autora explica os mecanismos de subjugo dessas pessoas por aliciadores, expondo as condições degradantes do trabalho – tais como a situação de alojamento, acesso a tratamento médico, condições de saneamento, alimentação, maus tratos e violência no local de trabalho, remuneração inadequada, entre outros (*Ibidem*, p. 79-88). Além disso, ela analisa ainda os modos de cerceamento da liberdade, tais como a retenção de documentos, o isolamento geográfico do local de trabalho, a presença de guardas armados e/ou o estabelecimento de dívidas ilegais dos trabalhadores para com seus “empregadores” (*Ibidem*, p. 88-95):

Nas fazendas, são submetidos a um contínuo endividamento. Todo material referente à alimentação, à moradia e aos instrumentos de trabalho deve ser comprado a um preço superfaturado das próprias fazendas. Esta é a chamada ‘política do barracão’ ou *truck system* (*Ibidem*, p. 32).

O estudo de Costa enfatiza não somente as condições de trabalho e o cerceamento da liberdade das vítimas de tal sistema, mas também a questão da dignidade humana que é negada a tais trabalhadores (*Ibidem*, p. 43); ainda, a autora atribui a impunidade que prevalece (mesmo quando tais situações são denunciadas às autoridades) à articulação dos fazendeiros com os poderes federal, estaduais e municipais (*Ibidem*, p. 68), quer ocupem cargos políticos ou somente possuam laços com os representantes de seus interesses em cargos nas prefeituras ou Câmaras Legislativas. Eis, portanto, que dificultam o combate ao trabalho escravo contemporâneo a



---

defesa de tais interesses em várias esferas do poder, além da escassez de recursos dos órgãos fiscalizadores e a vulnerabilidade econômica de uma certa parcela da população, tornando-a potencial vítima das condições degradantes que remontam ao sistema colonial.

Determinado está, portanto, que se trata de um problema atual e presente em várias regiões do Brasil, ainda que invisível para grande parte da população do país. Procuramos apontar, a seguir, para os modos como a literatura contemporânea dialoga com tal realidade nos escritos de Itamar Vieira Junior.

## **Nova escravidão no campo**

O romance *Torto arado* foi publicado em 2019 e desde então tem angariado grande notabilidade a Itamar Vieira Junior, inclusive um prêmio Jabuti e a distribuição de milhares de volumes na rede pública de ensino do estado da Bahia. Assim como nos contos, o romance trata das raízes do Brasil e do povo negro, seu trabalho, suas crenças e cultura. Esta narrativa conta a história das irmãs Bibiana e Belonísia, moradoras da Fazenda Água Negra, suas relações com a comunidade de trabalhadores rurais e a identificação de tal comunidade como quilombola.

É marcante para o leitor que, ao narrar alguns dos principais acontecimentos de suas vidas revezando-se como voz narrativa, as irmãs revelam um Brasil cuja existência ainda parece presa a estruturas e relações do período colonial escravocrata. A época em que se passa a história é imprecisa, possivelmente a segunda metade do século XX, considerando elementos como a Ford Rural ou uma motocicleta que aparecem em dados momentos; a atemporalidade, contudo, reforça a noção de permanência de certas circunstâncias. Várias das características citadas na seção anterior, com as quais Costa (2010) caracteriza o trabalho escravo contemporâneo, são incorporadas ao romance de Vieira Junior representando um país cujo progresso recai como carga



sobre os trabalhadores explorados de muitas fazendas país afora. A ficcionalidade da obra em nada compromete sua habilidade de abrir os olhos do leitor para outras (tristes) experiências encontráveis no mundo real. Uma das características destacadas pelo estudo de Costa incorporadas à construção das personagens e do universo ficcional do romance, por exemplo, é o isolamento geográfico. Ao se ferirem com uma faca no início do romance, as irmãs, ainda crianças, são levadas ao hospital da cidade mais próxima, e Bibiana observa:

Nunca havíamos saído da fazenda. Nunca tínhamos visto uma estrada larga com carros passando para os dois lados, seguindo para os mais distantes lugares da Terra. [...] Nunca havíamos andado na Ford Rural da fazenda ou em qualquer outro automóvel. E como era diferente o mundo além de Água Negra! (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 19-20)

A falta de contato das famílias que trabalhavam na fazenda com outros meios decerto contribui para sua sujeição às condições impostas, e a grandeza do mundo exterior, ao mesmo tempo em que causava admiração à menina narradora, podia também causar espanto e insegurança. Depreende-se da história contada que as famílias de trabalhadores viviam na Fazenda Água Negra havia muitas gerações, e a lida com o campo sob as determinações dos proprietários eram o único modo de vida conhecido para a maioria. Sair da fazenda por qualquer motivo não era comum, e, fazê-lo por motivos econômicos, era por certo desencorajado. Durante um episódio do romance em que uma grande seca atinge aquelas pessoas e a fome começa a fazer vítimas, Belonísia conta que “o povo de Água Negra passou a seguir para a cidade antes de o sol raiar, sem conhecimento do gerente, se embrenhando pelas matas para não serem descobertos, na intenção de vender o peixe e comprar mantimento” (*Ibidem*, p. 106-107). De modo semelhante a fugitivos, evocando o escape de Alma no conto analisado anteriormente, os trabalhadores tinham que buscar, na cidade, o alimento – o mínimo para sua subsistência — furtivamente. Em períodos de estiagem

---

e fome, disputavam a palma com o gado da fazenda (*Ibidem*, p. 68), expondo que aos animais eram dispensados mais cuidados que aos trabalhadores.

As premissas para que novos trabalhadores se instalassem naquelas terras são manifestas:

Meu pai, incentivado por Sutério, havia convidado o irmão de minha mãe para residir em Água Negra. O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. [...] Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato (*Ibidem*, p. 41).

Note-se pela citação que grande ênfase era colocada na dureza do trabalho e na dedicação esperada dos subordinados. O labor árduo era condição para que novas famílias fossem aceitas pelos donos e gerente da fazenda, e não havia pagamento previsto. A alimentação de cada família dependeria de sua capacidade de cultivar uma pequena roça própria próximo à moradia, desde que não negligenciassem a produção que enriqueceria o proprietário. A própria habitação, precária, assim deveria permanecer, para que muito conforto não trouxesse aos moradores a ideia de possuir qualquer direito sobre as terras. Em resumo, trabalho duro era esperado em troca de um modesto lugar para morar e cultivar a própria comida. De acordo com Shirley Carreira,

a fazenda Água Negra reproduz a estrutura autárquica das fazendas coloniais que centralizavam o exercício de poder. Exercício esse que continua a existir no Brasil do século XXI, em muitos latifúndios que, secretamente, impõem aos trabalhadores um sistema de escravidão (CARREIRA, 2021, p. 191).



As condições de vida e trabalho das personagens de *Torto Arado*, portanto, análogas à escravidão, dialogam com uma questão social presente e urgente, questão que não somente fala “de um tempo passado, [mas] estão bem presentes no Brasil de hoje” (*Ibidem*, p. 196), como buscamos neste ensaio argumentar.

Outra característica apontada por Costa (2010) como marca da escravidão moderna é o uso da força para coagir os servidores. O próprio estabelecimento das fazendas, segundo a narrativa de Bibiana, se deu por meio de uma autoridade paralela: “Os homens investidos de poderes, muitas vezes acompanhados de outros homens em bandos armados, surgiam da noite para o dia com um documento de que ninguém sabia a origem” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 22). O exercício do poder, portanto, não dependia das leis e autoridades estabelecidas, mas da força das armas e do medo. É o que se vê também no destino do primo Severo, assassinado em frente à própria casa por ousar levantar a voz para falar de direitos e injustiças.

Severo é uma personagem importante em *Torto Arado* por se afastar da crença de que as más condições impostas aos trabalhadores eram simplesmente como as coisas deviam ser. Desde a adolescência o rapaz sonhava com uma realidade diferente:

Ele se sentiu à vontade para falar sobre seus sonhos, tinha planos de estudar mais e não queria ser empregado para sempre da Fazenda Água Negra. Queria trabalhar nas próprias terras. Queria ter ele mesmo sua fazenda que, diferente dos donos dali, que não conheciam muita coisa do que tinham, que talvez não soubessem nem cavoucar a terra [...] (*Ibidem*, p. 72).

Assim como os escravizados do Brasil-colônia conheciam as técnicas e ofícios da produção muito melhor que seus senhores, Severo percebe o mesmo padrão na relação do proprietário da fazenda com os trabalhadores atuais. Imbuído de um forte senso de justiça, ele não se conforma e busca se envolver em atividades sindicais para viabilizar alguma mudança. A contundência das falas de Severo em sua comunidade tocam muitos a seu redor, o que é percebido como uma ameaça à ordem,

---

resultando em sua morte. Não sem que se multiplicasse sua voz em tantos outros, no entanto: Belonísia julgava “[...] que havia algo vigoroso e decisivo nas suas enunciações sobre o trabalho, sobre a relação de servidão em que nos encontrávamos” (*Ibidem*, p. 131-132), e Bibiana passa a compartilhar da mesma percepção de que estavam injustamente desamparados nas condições atuais:

Aquela fazenda sempre teria donos, e nós éramos meros trabalhadores, sem qualquer direito sobre ela. Não era justo ver tio Servó e os filhos crescendo espantando os chupins das plantações de arroz. Não era justo ver meu pai e minha mãe envelhecendo, trabalhando de sol a sol, sem descanso e sem qualquer garantia de conforto em sua velhice (*Ibidem*, p. 79).

Prevalece ao final do romance uma ideia de luta por direitos que foi semeada e não poderia mais ser reprimida. Interessa também notar que a narrativa se alterna entre as vozes das duas irmãs, mas a um certo ponto, uma terceira voz narrativa feminina é incluída: surpreendentemente, a nova narradora é Santa Rita Pescadeira, uma entidade mística do jarê, prática religiosa sincrética à qual se faz referência em várias passagens do romance, como traço cultural daquele povo. A narrativa de Rita Pescadeira acrescenta ao romance uma perspectiva histórica e social mais ampla, pois não trata de uma personagem, uma família ou uma comunidade, mas fala dos muitos sofrimentos infligidos ao povo negro durante a história do Brasil. São abundantes no relato da entidade os casos de violência contra os escravizados; segundo Fernandes (2021, p. 242), “a encantada apresenta um discurso de identificação dos perpetradores dessa violência e de reivindicação por justiça”. Em sua porção da narrativa são listados uma série de casos de que ela “se lembrava”, como o episódio do afogamento já mencionado quando tratamos do conto “Alma”:

Vi senhores enforcarem seus escravos como castigo. Cortarem suas mãos no garimpo por roubarem um diamante. Acudi uma mulher que incendiou o próprio corpo por não querer ser mais cativa do seu senhor. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que



não nascessem escravos. [...] Mulheres que enlouqueceram porque as separaram dos filhos, que seriam vendidos. Vi um senhor cruel deitar com mulheres negras e abandonar seus corpos castigados à morte, como se quisesse expurgar o mal que o fazia cair. Outro fez do corpo de seu escravo um reparo para o barco imprestável em que navegava. Entrava água na embarcação. O barco chegou ao seu destino com o homem afogado. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 207).

As memórias da encantada – que é, por assim dizer, a menos “realista” das narradoras do romance – remete ao realismo máximo da obra ao traçar a linha entre o povo de Bibiana e Belonísia aos muitos povos maltratados e escravizados durante a construção do país. Sua voz estabelece a herança dessa comunidade quilombola em antepassados de outros tempos e outras práticas – mais perversas, decerto, embora as atuais condições desse povo também denotem exploração, negação de direitos, isolamento, entre tantos traços associados às novas formas de escravidão presentes na sociedade contemporânea.

## **Ainda sobre a nova escravidão: trabalho urbano**

Embora as novas formas de escravidão sejam mais facilmente encontradas em ambientes rurais, como mencionado anteriormente, também no meio urbano se encontram trabalhadores submetidos a relações de trabalho servis ou degradantes. Para exemplificá-las, comentaremos a seguir o conto “Doramar ou a odisseia”, publicado em 2017 em *A oração do carrasco*, e pela Editora Todavia em 2021, em volume intitulado *Doramar ou a odisseia*.

A protagonista do conto, Doramar, é uma empregada doméstica que serve a mesma família há mais de vinte anos, e vive, no início do conto, uma espécie de “antiepifania”<sup>4</sup> (JERONIMO, 2021, p. 227) ao sair para trabalhar e encontrar um cão

4 De acordo com Jeronimo (2021, p. 227-228), a experiência de Doramar pode ser considerada antiepifânica pois, ao contrário dos inumeráveis exemplos de epifanias (como visões de luz e beleza) na literatura, o que se tem no conto é o vislumbre de uma “experiência corrosiva” (p. 228). A visão

ferido, exalando um cheiro de podridão da carne dilacerada. A imagem do cão a fez descobrir “naquele fim de tarde a vida não programada” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 112), e “a lançou para um encontro consigo mesma” (*Ibidem*, p. 113). Um tanto desorientada, a mulher seguiu para seu dia de trabalho em meio a memórias difusas e pensamentos divagantes, entre a dúvida de voltar e abreviar o sofrimento do cão, e sua rotina e destino esperado.

O tal encontro consigo mesma ou mergulho nas memórias trazem ao leitor a história de pobreza e dificuldades que acompanhava a vida da mulher. Da infância:

[...] tinha a lembrança do que era a fome, do que era pedir aos motoristas parados nas sinaleiras. Sabia o significado de um polegar para baixo [...]. Para os moradores da cidade alta, ela era a mulher que servia para limpar os vasos e preparar o jantar (*Ibidem*, p. 117).

Da juventude, as memórias de Doramar a levam até o primeiro beijo com um rapaz que ajudava o tio na oficina e “sujava-se de graxa durante a semana” (*Ibidem*, p. 118), acabou se tornando um jovem infrator, e depois um assaltante de ônibus. Encontrado pela polícia em casa, foi capturado e “do camburão, navio negreiro, foi lançado ao chão” (*Ibidem*, p. 123) e morto com treze tiros “enquanto uma bala só bastava, o resto era prepotência, era vontade de matar” (*Ibidem*, p. 123)<sup>5</sup>. Destaca-se no excerto a comparação entre o carro da polícia e o navio que traficava pessoas da África às Américas<sup>6</sup>, clara denotação de que nos dias de hoje os excluídos, ainda que não sejam propriamente escravizados, são deixados à míngua da sociedade e tal marginalização resulta em possível apelo ao crime, ou mesmo à opressão policial sem razão. O exercício do poder público contra as populações negras e periféricas

---

do cão moribundo denuncia sofrimento e morte, e faz parte de toda uma gama de “percepções decepcionantes” (p. 228) que podem ser consideradas como epifania corrosiva ou entiepifania.

5 O último trecho transcrito estabelece intertextualidade com a crônica “Mineirinho”, de Clarice Lispector, “dialogando com as mazelas sociais que, sinalizadas por Clarice nas décadas de 1960 e 1970, permanecem, infelizmente, arraigadas nos muitos brasis que, representativamente, erguem-se em denúncia nas narrativas de escritores contemporâneos” (JERONIMO, 2021, p. 227).

6 Marcelino Freire faz a mesma analogia em seus Contos Negreiros (2005).



sempre se fez – e ainda se faz – com violência e criminalização, e, na passagem em questão, o jovem trabalhador que se tornou em adulto infrator da lei é desumanizado no tratamento da polícia como o eram os escravizados.

Tendo as mesmas origens humildes, Doramar não enveredou pelo caminho do crime mas, de forma semelhante, caminhou a trilha da servidão. A descrição do início de uma manhã no trabalho expõe a rotina da empregada doméstica:

Olho para a porta esperando que alguém chegue para pedir algo, pedem um copo d'água, pedem um prato e uma faca para cortar uma fruta, pedem para que eu lave o prato, pedem os sapatos que estão na área de serviço, pedem que eu diga onde está o casaco, pedem uma toalha de prato, pedem uma vela e uma reza, pedem que eu varra os farelos de algo no chão, pedem que eu passeie com o cão... (*Ibidem*, p. 125).

É evidente pela narrativa que a protagonista exerce toda sorte de funções dentro da casa, sendo continuamente solicitada pelos membros da família, sendo referência até mesmo para a religiosidade da família: era ela que detinha as “rezas”. A tarefa que se segue é ir até a feira comprar o peixe para o almoço – que ela mesma prepararia, decerto –, e nesse percurso os pensamentos da mulher vagueiam entre as memórias tristes de sua vida sofrida, até que se desvie de seu afazer e perca a lógica usual da vida cotidiana, atrapalhando-se com a sacola e o dinheiro. Doramar acaba por desviar-se do caminho, oferecendo os peixes comprados para que os gatos da rua matem a fome, enquanto ela se expõe à chuva que começa:

O chão vai se desfazendo em água. Meus pés amassam a lama. Meus pés marcam o caminho. Vou encontrando as árvores. Vou encontrando a água. Vou encontrando o abrigo. Vou tecendo minha cama no chão de lama para descansar da vida. Para poder deitar e dormir (*Ibidem*, p. 128).

As linhas acima concluem o conto, conservando um tom disfórico de cansaço e um olhar retrospectivo para a própria vida em que só vêm à lembrança de Doramar



---

trabalhos, dores, perdas. A plenitude da vida humana, com suas tristezas e alegrias, labores e conquistas, não se realiza na vida unicamente prestada ao serviço da personagem pobre. A introspecção que se inicia com a visão do cão moribundo desencadeia a visão de um filme em que há sofrimentos, mas não há realizações, um filme que se exhibe todos os dias pelas periferias do Brasil. A vida da trabalhadora urbana, portanto, também reproduz os padrões de servidão e exclusão de tempos passados; mas assim como Alma, que reverteu sua história fugindo da condição de cativa, e as irmãs de *Torto arado*, que buscam os direitos da comunidade quilombola, o despertar e o desviar-se do caminho de Doramar também apontam para a uma direção de resistência e rompimento com as estruturas que perpetuam sua exclusão.

## Considerações finais

As funestas práticas escravagistas do período colonial deixaram uma herança na estrutura social e nas relações de trabalho, cultura e raça da qual o Brasil ainda não conseguiu se desvencilhar. Parte inerente e naturalizada da organização social colonial, a exploração do outro e sua destituição dos direitos mais fundamentais foi exercida durante mais de três séculos, e a Lei Áurea não foi acompanhada de medidas para inserção dos ex-escravizados no corpo social da república que em seguida se constituiu. Deste modo, uma significativa parcela da população, a dos afrodescendentes, foi sistematicamente marginalizada e submetida a condições desiguais para o acesso aos bens e recursos comuns.

Se a escravidão propriamente dita é parte do passado do país, infelizmente não o são as atividades de exploração do trabalho daqueles em condição econômica e educacional mais vulnerável. Estudos recentes têm exposto a realidade de tal problema em vários países, inclusive o Brasil. Conforme mencionado anteriormente, as vítimas de tal sistema na atualidade são as populações mais pobres e, no Brasil,



---

estatisticamente há mais atingidos entre os não-brancos e os oriundos do Nordeste. Portanto, grande parte dos que sofrem sob o abuso dos empregadores são os descendentes dos outrora escravizados.

A literatura, espaço de reflexão e debate sobre as questões sociais mais relevantes, não se furta à representação de tal problema. Os contos e o romance de Itamar Vieira Junior comentados neste ensaio tocam de maneira profunda o tema da escravidão. Em “Alma” revisita-se o passado colonial e a protagonista que dá nome ao conto materializa a luta e resistência dos escravizados em busca de um novo espaço, uma nova existência, de liberdade. A narrativa conduz o leitor pela experiência da desumanização, e termina com a tônica do enfrentamento dos proprietários e da construção de uma nova rede de apoio mútua como estratégia de defesa e de reexistência.

Do passado ao presente, os escritos de Vieira Junior também exploram as novas formas pelas quais os trabalhadores negros são submetidos à servilidade. *Torto arado* reconstrói uma realidade que, lamentavelmente, não é rara de se encontrar pelas fazendas e sertões – e cidades – do Brasil. As condições em que vivem Bibiana, Belonísia e os demais moradores da Fazenda Água Negra revelam a reprodução de estruturas e relações que em muitos pontos se assemelham à escravidão. De modo análogo, a protagonista de “Doramar ou a odisseia” traz para o ambiente urbano a condição servil e desapossada dos pobres moradores das periferias nas cidades. Fadados a trabalhos não reconhecidos e em que os direitos são frequentemente suprimidos, os mais pobres são despojados do acesso pleno à sociedade e suas benesses. A obra do escritor baiano, portanto, expõe um Brasil herdeiro de infausta herança que se propaga em novas formas de escravidão.

---

## Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Filipe. África, números do tráfico atlântico. In: SCHWARCZ, Lília M. Schwarcz & GOMES, Flávio. *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 57-63.

BALES, Kevin. *Understanding Global Slavery*. Califórnia: University of California Press, 2005.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Inscrições do real em *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior. *E-escrita*, v. 12, n. 1, 2021, p. 184-198.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *Combatendo o trabalho escravo contemporâneo: o exemplo do Brasil*. Brasília, Escritório da OIT no Brasil, 2010. Disponível em: <[https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms\\_227300.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_227300.pdf)>. Acesso 5 mai de 2022.

DEL PRIORI, Mary. *Histórias da gente brasileira*. v. 1: colônia. São Paulo: LeYa, 2016.

FERNANDES, Joyce. O legado traumático da escravidão em *Torto arado*. *Revista Entrelaces*, v. 11, n. 23, 2021, p. 229-248.

JERONIMO, Thiago Cavalcante. Clarice Lispector revisitada por Itamar Vieira Junior: a questão social. *Nau Literária*, v. 17, n. 1, 2021, p. 214-232.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia*. São Paulo: Todavia, 2021.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *A oração do carrasco*. Itabuna-BA: Mondrongo, 2017.